

ANUÁRIO

suinocultura industrial

ISSN 2177-8930

Nº 06|2025 | Dezembro/Janeiro | ANO 48 | Edição 327 | R\$ 26,00

Gessulic
agrimídia



O ANO DA VIRADA: SUÍNO CRESCE E SE REPOSICIONA

Produção, exportação e consumo avançam juntos após anos de crise, mas a projeção para 2026 indica limite de expansão e riscos ligados ao milho e etanol



ENTREVISTA

Elias José Zydek, presidente executivo da Frimesa, detalha expansão estratégica no mercado, com modernização de estrutura.



AVESUI 2025

Feira da indústria latino-americana de aves, suínos e peixes, reuniu produtores e líderes em Cascavel (PR), consolidando-a como polo estratégico.

PANORAMA DA SUINOCULTURA EM 2025

Por Marcelo Miele, pesquisador
da Embrapa Suínos e Aves



Crédito: Google Whisk





A suinocultura brasileira em 2025 ampliou a oferta de carne suína para bater recordes de exportação e, ao mesmo tempo, suprir o mercado interno. Além disso, os segmentos voltados à produção de proteína animal tiveram um ano marcado pelo reconhecimento do país como livre de febre aftosa sem vacinação pela Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) e pela capacidade de enfrentar e assimilar choques como o primeiro foco de gripe aviária de alta patogenicidade em uma granja comercial e o “tarifaço” do governo dos Estados Unidos. A desvalorização do Dólar e a disponibilidade de grãos mantiveram os custos de produção e os preços do suíno vivo ao produtor e da carcaça suína no atacado relativamente estáveis, consolidando margens positivas para a cadeia produtiva. O artigo aborda esse panorama da suinocultura no mundo e no Brasil.

MUNDO

O consumo mundial de carne suína em 2025 deverá ser ligeiramente superior ao verificado em 2024 (+0,5%), atingindo 115,6 milhões de toneladas - com crescimento nos Estados Unidos, Vietnã, Filipinas e México, e queda na China, União Europeia e Coreia do Sul. Evolução aquém do consumo mundial de carne de frango (+1,8%) e semelhante à bovina (+0,3%). Do lado da oferta, a produção de carne suína em 2025 também deve ser ligeiramente superior ao ano anterior (+0,2%) atingindo 116,7 milhões de toneladas - com destaque para a continuidade do crescimento nos Estados Unidos, no Brasil e no Vietnã e apesar da redução na China iniciada ainda em 2024 e na União Europeia (UE), onde a recuperação verificada no ano anterior foi revertida (USDA, 2025). O comércio internacional de carne suína também deve permanecer em patamares iguais ou ligeiramente superiores aos últimos três anos, absorvendo 9% da produção¹.

1. Em 2020 as exportações representavam 13% da produção.



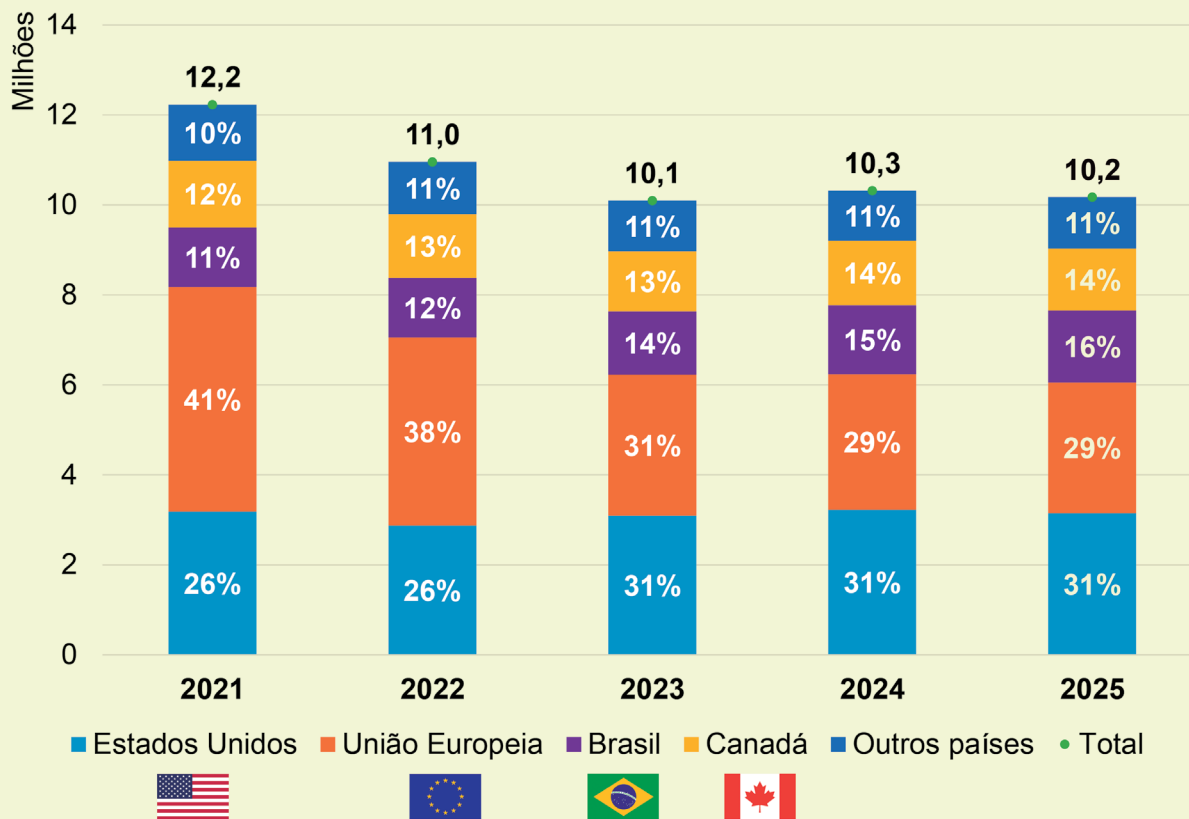
Os destaques foram o aumento das importações do México e das Filipinas, que passaram a absorver quase um quarto dos excedentes mundiais, bem como o aumento das exportações brasileiras, em contraste com a redução nos volumes exportados por Estados Unidos, UE e Canadá (Figuras 1 e 2).

Para 2026 espera-se que o rebanho de matrizes suínas diminua, sobretudo em função de desafios sanitários,

o cenário de elevada incerteza e a crise de rentabilidade na suinocultura chinesa. Os descartes inicialmente devem elevar a oferta de carne suína, porém com potencial impacto nos próximos anos que dependerá da evolução na produtividade e no peso médio das carcaças (Rabobank, 2025)².



Figura 01. Exportações de carne suína, milhões de toneladas

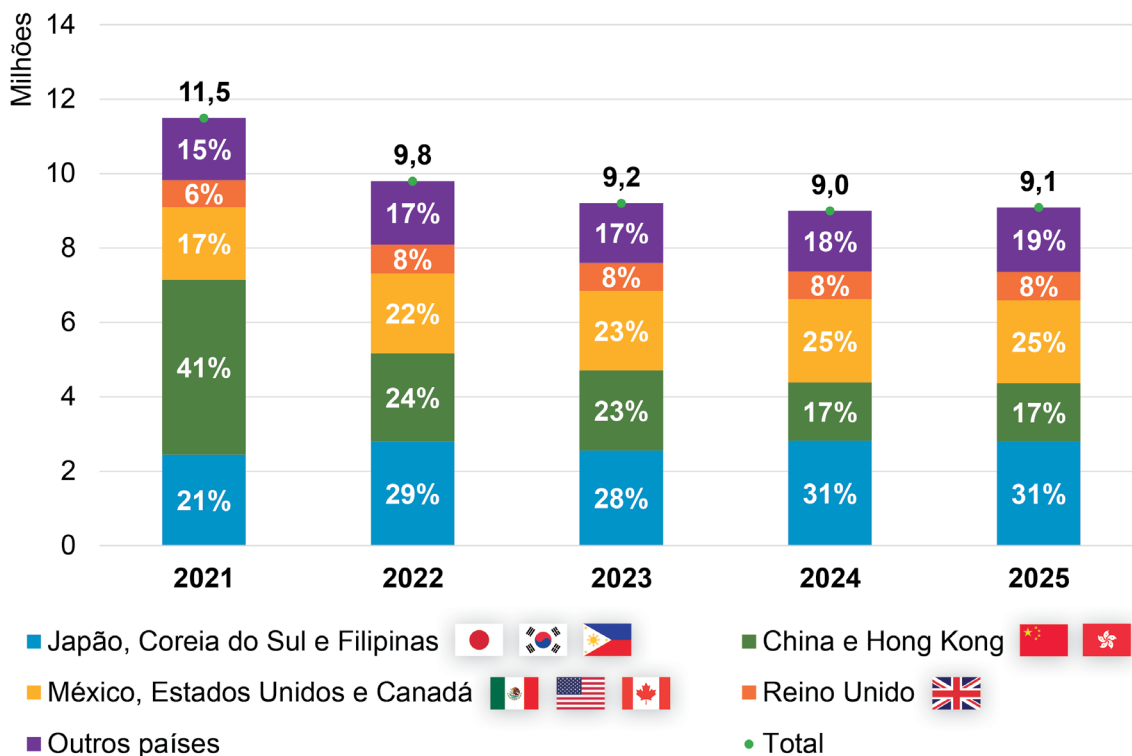


Fonte: USDA (2025, disponível em apps.fas.usda.gov/psdonline).

*Previsão de abril de 2025.

2. Até a elaboração deste texto, os relatórios do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) com as previsões para 2026 não estavam disponíveis para consulta.

Figura 02. Importações de carne suína, milhões de toneladas



Fonte: USDA (2025, disponível em apps.fas.usda.gov/psdonline).

*Previsão de abril de 2025.

Apesar do baixo crescimento da produção e do consumo, e de estabilidade no comércio internacional, houve recomposição dos preços da carne suína após a baixa no início de 2025, com aumentos a partir do segundo trimestre que levaram o índice de preços a patamares próximos às médias dos dois anos anteriores (Figura 3). Além disso, se manteve a tendência de queda nos preços dos cereais verificada

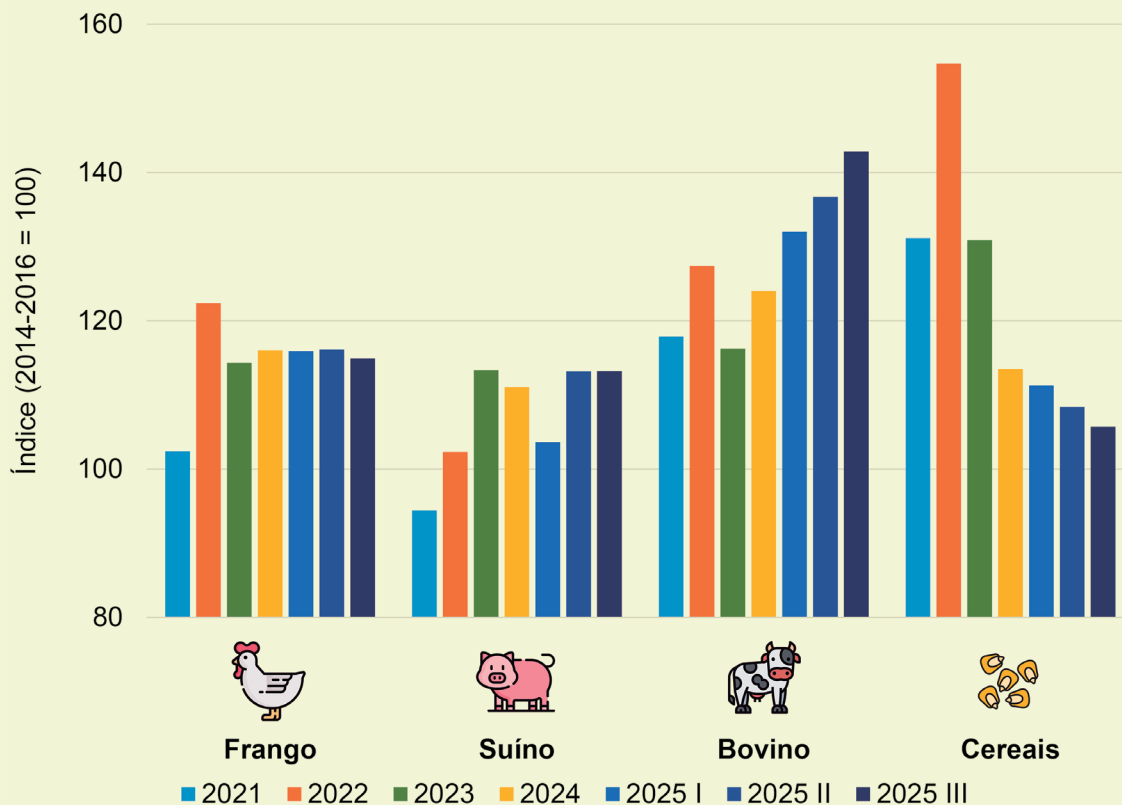
desde 2022, indicando alívio nos custos de produção. O aumento nos preços da carne bovina desde 2023 e estabilidade nos preços da carne de frango indicaram mudanças nos preços relativos das proteínas substitutas (barateamento da carne suína em relação à bovina, e encarecimento em relação à de frango). Num horizonte de médio prazo (cinco anos), os preços da carne suína ainda foram os que mais se elevaram (FAO, 2025).



Crédito: Adobe Stock



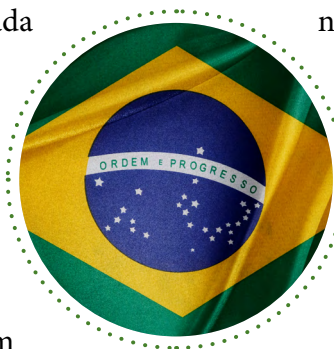
Figura 03. Índices de preços das carnes e dos cereais no mundo (2014-2016 = 100)



Fonte: FAO (2025, disponível em www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex).

BRASIL

A produção brasileira de carne suína voltou a crescer a partir do início de 2025, em contraste com a queda verificada no final do ano anterior. Na comparação entre os três primeiros trimestres de 2025 com o mesmo período do ano anterior, houve aumento no total de cabeças abatidas (+3,4%) e no peso médio das carcaças (+1,4%), elevando em 4,9% o peso total das carcaças (Pesquisa Trimestral do Abate de Animais/IBGE, 2025). Esse desempenho aponta para uma



produção total igual ou até mesmo superior às projeções da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) de 5,55 e 5,56 milhões de toneladas, respectivamente (ABPA, 2025; Conab, 2025). As exportações têm batido sucessivos recordes, com um aumento de 14,5% nos volumes embarcados e de 25% no valor total em Dólares na comparação entre os três primeiros trimestres de 2025 com o mesmo período do ano anterior (Agrostat/MAPA, 2025).

Estima-se um volume total de 1,49 milhão de toneladas no ano (ABPA, 2025) e receitas cambiais de 3,54 bilhões de Dólares. Segundo a metodologia empregada pelo USDA, a participação brasileira nas exportações globais em 2025 aumentou para 15,7%, com o país se mantendo na terceira posição no ranking dos maiores exportadores (USDA, 2025) se consolidando na posição anteriormente ocupada pelo Canadá. Assim, ao longo de 2025 o desempenho excepcional dos últimos anos se ampliou com a conquista de quase um ponto percentual do mercado internacional, apesar do baixo crescimento do consumo e do recuo das exportações globais de carne suína (Figura 1).

Os dez principais destinos absorveram 82% das exportações brasileiras, sendo seis países do Leste Asiático e quatro das Américas. China e Hong Kong continuam sendo importantes destinos, com 20% dos embarques até setembro de 2025, porém com participação em queda (-46 mil toneladas ou -18%). O destaque ficou para o crescimento das exportações para Filipinas, Japão, México e Argentina (+72% nos embarques para esses destinos somados), além de posições consolidadas no Chile,



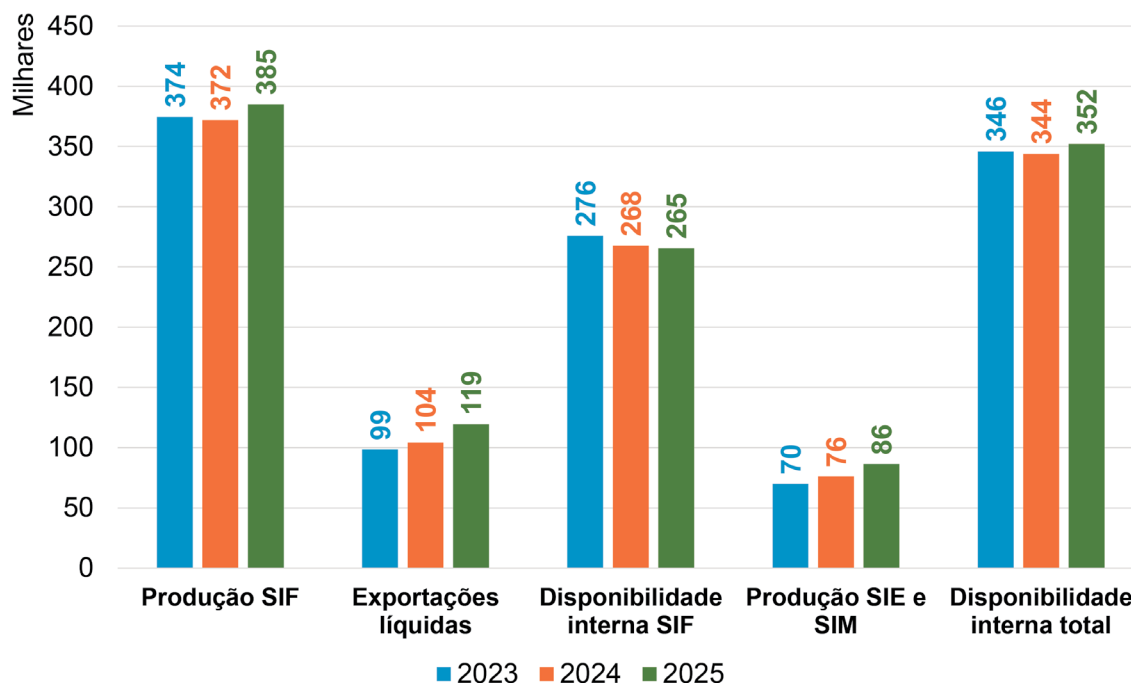
Singapura, Vietnã e Uruguai. As receitas em Dólares por tonelada também cresceram em 2025, porém em grande parte devido à desvalorização da moeda norte-americana (Agrostat/MAPA, 2025). Esse desempenho reflete a diversificação dos destinos e a consolidação das empresas e cooperativas brasileiras em mercados estratégicos (ABPA, 2025).

O mercado doméstico foi outro motor de dinamismo para a suinocultura. Estima-se que a disponibilidade interna tenha crescido na comparação entre os três primeiros trimestres de 2025 com o mesmo período do ano anterior (Figura 4), acima do crescimento da população de 0,4%. Do lado da oferta, a produção sob inspeção federal (SIF) - que contempla as plantas habilitadas a acessar os mercados importadores, acompanhou o significativo aumento das exportações, com uma pequena redução na disponibilidade interna. Entretanto, a produção sob inspeção estadual e municipal (SIE e SIM) que não é exportável teve forte expansão (Agrostat/MAPA, 2025; IBGE, 2025; PGA-SIGSIF/MAPA, 2025). Do lado da demanda, o cenário de relativa estabilidade econômica, baixo

desemprego, crescimento real da renda média do trabalho e pequeno alívio na inflação de alimentos foram determinantes para a manutenção do poder aquisitivo (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua/IBGE, 2025; Radar Sanctech, 2025). Além disso, o encarecimento da carne bovina no varejo tornou a carne suína mais atrativa ao consumidor. Por outro lado, o endividamento e os novos hábitos de consumo como as apostas online conhecidas por “bets” reduzem o orçamento das famílias disponível para consumo de alimentos.



Figura 04. Produção, exportações e disponibilidade interna de carne suína no Brasil, mil toneladas (média mensal dos três primeiros trimestres)*



Fonte: Agrostat (MAPA, 2025, disponível em indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/); Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE, 2025, disponível em sidra.ibge.gov.br/tabela/1093 e sidra.ibge.gov.br/Tabela/6829); PGA-SIGSIF (MAPA, 2025, disponível em www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/inspecao/produtos-animal/sif).

*A produção total do 3º trimestre de 2025 corresponde aos primeiros resultados divulgados pelo IBGE e a desagregação entre tipos de inspeção considerou os abates sob inspeção federal na plataforma PGA-SIGSIF e o peso médio do trimestre anterior. As exportações líquidas correspondem às exportações totais deduzidas das importações.




A inflação de preços no atacado da carcaça suína no ano anterior e os fundamentos do mercado em 2025 (demanda interna aquecida, apesar da desaceleração a partir do segundo semestre, exportações recordes e aumento dos preços no varejo da principal proteína substituta) foram determinantes para a elevação dos preços da carne suína no varejo, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA/IBGE, 2025). A variação acumulada nos 12 meses até set./2025 superou a inflação

geral, a inflação dos alimentos no domicílio e a variação dos preços de fontes alternativas de proteína animal como carne de frango, pescados e ovos, ficando aquém apenas da carne bovina. Entre os processados de suínos - que respondem por aproximadamente 60% do consumo de produtos da suinocultura na cesta de produtos que compõem o IPCA, a variação acumulada foi menor do que a inflação, mas houve reversão da deflação verificada no ano anterior (Tabela 1).



Crédito: Adobe Stock

Tabela 01. Preços ao longo da cadeia produtiva da carne suína e das alternativas de proteína animal no varejo - variação acumulada em 12 meses (%)*

Grupo	Produto	Acumulado em set./2024	Acumulado em set./2025
 Cadeia produtiva da carne suína	Milho no atacado	13,0%	3,3%
	Farelo de soja no atacado	-6,2%	-22,2%
	Milho e farelo de soja**	3,1%	-8,7%
	Suíno vivo ao produtor	34,9%	3,3%
	Carcaça suína no atacado	40,7%	0,4%
	Carne suína exportada***	20,5%	0,0%
	Carne suína no varejo	9,5%	10,9%
	Processados de suíno no varejo	-2,4%	4,3%
 Preços no varejo de substitutos da carne suína	Carne de frango no varejo	7,1%	9,6%
	Carne bovina no varejo	2,0%	19,8%
	Pescados no varejo	-0,2%	-0,3%
	Ovos no varejo	-7,8%	7,9%
 Índices de preços, câmbio e juros	Alimentação no domicílio	6,3%	6,0%
	IPCA	4,4%	5,2%
	USD	12,2%	-3,1%
	Juros	-0,1 pts. %	1,3 pts. %

Fonte: Agrostat/MAPA; BCB; Cepa/Epagri; Cepea/Esalq; Deral; Embrapa Suínos e Aves; IPCA/IBGE; Imea.

*Variação percentual acumulada em 12 meses em set./2024 e set./2025. Para milho, farelo de soja e suíno vivo refere-se à média ponderada pela participação nos abates de GO, MG, MT, PR, RS, SC e SP. Para carne suína exportada, preços no varejo, câmbio e juros refere-se à estatística para todo o país.

**Considerou-se 70% do preço do milho e 30% do preço do farelo de soja.

***Variação em moeda nacional (BRL).





Ao contrário dos preços no varejo, o preço da carcaça suína no atacado e o valor médio das exportações em Reais se mantiveram estáveis no acumulado de 12 meses até set./2025, porém sobre patamares elevados devido ao aumento acumulado no ano anterior (Tabela 1). Ao contrário de 2024, o câmbio ao longo de 2025 foi um elemento que segurou os preços no atacado, sem, contudo, afetar o desempenho brasileiro no mercado internacional. O preço do suíno vivo acompanhou as cotações no atacado, com um pequeno aumento no acumulado de 12 meses até set./2025, porém abaixo dos picos de cotações do final de 2024 (Tabela 1). Do lado dos custos, a redução do preço do farelo de soja e a elevação moderada no preço do milho no mesmo período (recuo

no segundo semestre após subida da entressafra) viabilizaram margens positivas para a suinocultura, em continuidade ao verificado desde o segundo semestre de 2024 (ABCS, 2025).

CUSTOS DE PRODUÇÃO

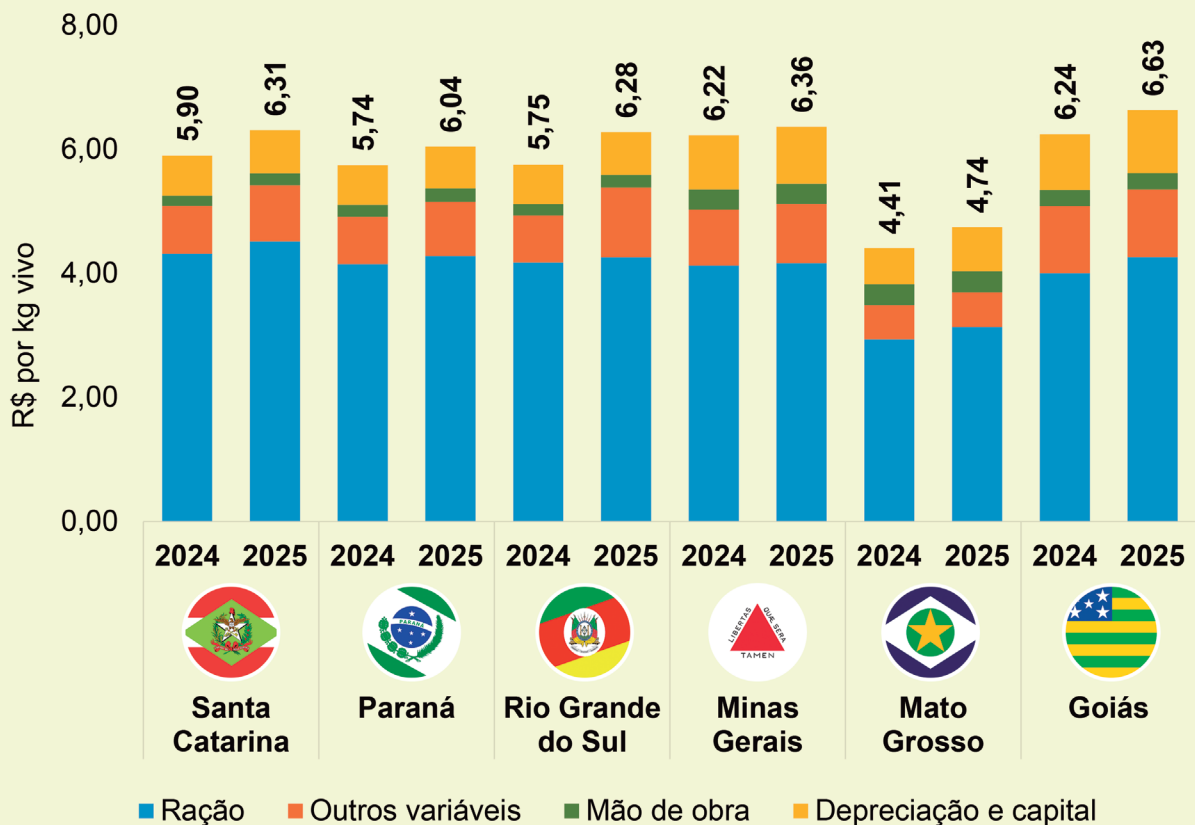
A Embrapa Suínos e Aves produz estimativas periódicas dos custos de produção de suínos nos principais estados produtores em conjunto com outras instituições parceiras, e participa da rede InterPIG envolvendo instituições dos principais países produtores de carne suína para comparação internacional dos custos de produção.

Na Figura 5 são apresentadas as estimativas de custo de produção de suínos nos três estados da região Sul, em um da região Sudeste (Minas Gerais) e dois da região Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso). Na comparação entre a média dos três primeiros trimestres de 2025 (janeiro a setembro) sobre mesmo período do ano anterior, ocorreu aumento no custo em todos os estados acompanhados. Não apenas com ração, principal item de custo, mas sobretudo nos demais itens como mão de obra, sanidade, depreciação e juros sobre capital (Figura 5 e Tabela 2). A partir da metade do ano se iniciou um processo de reversão na tendência de aumento de custos com alimentação animal verificadas desde o segundo semestre de 2024, com reflexos no custo total. De fato, a variação percentual dos custos com ração acumulada em 12 meses em set./25 passou a ser negativa ou menor do que a comparação anual no caso de Santa Catarina. Nesse mesmo período, a variação do custo total nos estados acompanhados pela Embrapa apresentou uma variação média de 3,2% (Tabela 2), próxima à variação média do preço do suíno vivo (Tabela 1), indicando que houve manutenção das margens.



Crédito: Shutterstock

Figura 05. Custos de produção de suínos nos três estados da região Sul e em Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais (R\$/kg vivo)*









Fonte: Embrapa Suínos e Aves, Conab e ABCS para os três estados da região Sul, Goiás e Minas Gerais, com apoio de ACCS, Acsurs, AGS, APS e Asemg; Imea e Embrapa Suínos e Aves para Mato Grosso com apoio da Acrismat.

*Média do ano para 2024 e média de janeiro a setembro para 2025.



Tabela 02. Variação nos custos de produção por UF por item de custo

UF	Custo com ração		Custo total	
	Média de jan. a set./2025 sobre mesmo período do ano anterior	Acumulado em 12 meses em set./25	Média de jan. a set./2025 sobre mesmo período do ano anterior	Acumulado em 12 meses em set./25
 Santa Catarina	6,8%	2,6%	9,0%	5,6%
 Paraná	4,9%	-3,4%	6,9%	0,4%
 Rio Grande do Sul	3,3%	-0,3%	10,5%	7,5%
 Minas Gerais	3,4%	-4,9%	4,4%	-2,1%
 Mato Grosso	10,3%	-1,5%	10,5%	2,7%
 Goiás	9,9%	-2,0%	7,8%	0,2%
Média*	5,4%	-0,8%	8,1%	3,2%

Fonte: elaborado pelo autor a partir de Embrapa Suínos e Aves, Conab e ABCS para os três estados da região Sul, Goiás e Minas Gerais, com apoio de ACCS, Acurs, AGS, APS e Asemg; Imea e Embrapa Suínos e Aves para Mato Grosso com apoio da Acrismat.

* Média ponderada pela participação nos abates.

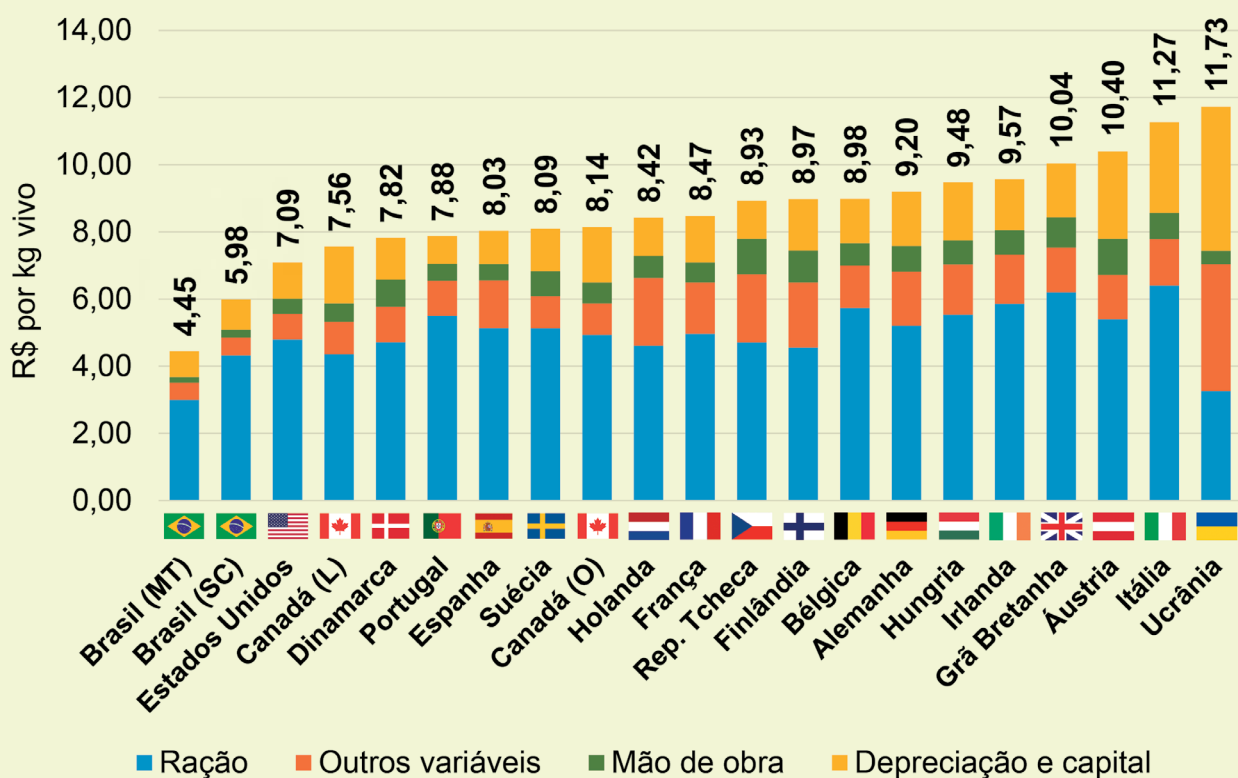
Na Figura 6 são apresentadas as estimativas de custo de produção de suínos em 2024 nos países que compõem a rede InterPIG que foram discutidos na reunião anual em Sankt Pölten, Áustria, de 23 a 26 de junho de 2025. A partir deste ano, as estimativas dos custos de produção passaram a estar disponíveis no portal da rede InterPIG (www.interpig.org/), incluindo duas regiões do Canadá (as informações sobre o país não eram disponibilizadas desde 2021) e a Ucrânia. Mato Grosso e Santa Catarina no Brasil e os Estados Unidos mantiveram em 2024 a liderança em custos, e a região leste

do Canadá e a Dinamarca também apresentaram custos menores do que a média dos países da rede InterPIG. Os menores custos com mão de obra e investimentos em instalações e equipamentos nos dois estados brasileiros e, no caso de Mato Grosso, o menor preço da ração entre os países analisados, continuam sendo determinantes para sua competitividade. Na comparação com 2023 ocorreu uma ampliação do diferencial de custos entre os dois estados brasileiros e o custo médio dos países da rede, influenciado em grande parte pela desvalorização do câmbio (InterPIG, 2025).



Crédito: Google Whisk

Figura 06. Custos de produção de suínos em 2024 nos países da rede InterPIG (R\$/kg vivo)*



Fonte: InterPIG (2025, disponível em www.interpig.org).

*As diferenças entre os valores para Mato Grosso e Santa Catarina entre as Figuras 5 e 6 se devem à metodologia empregada.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2025 foi marcado pela manutenção da lucratividade na suinocultura, com os preços do suíno vivo acompanhando a evolução dos custos, fortemente influenciados pela queda no preço do farelo de soja, encarecimento moderado no preço do milho e aumento dos demais itens de custo, com destaque para juros sobre capital e mão de obra. A desvalorização do Dólar frente ao Real foi um dos determinantes para certa estabilidade dos preços pagos ao suinocultor, da carcaça suína no atacado e do valor médio das exportações, porém não impactou negativamente a competitividade do país. Os abatimentos acompanharam a evolução da demanda, com capacidade de atender o mercado doméstico e, ao mesmo tempo, atingir recordes nas exportações, que ampliaram a participação brasileira no comércio internacional em quase um ponto percentual com maior diversidade de países importadores (destaque para Filipinas, Japão e México). A demanda interna também foi determinante para que os aumentos dos preços no atacado de dois dígitos verificados em 2024 continuassem sua transmissão para os preços no varejo ao longo de 2025. Mesmo eventos extremos e externos à suinocultura - como o foco de gripe aviária de alta patogenicidade em uma granja comercial no Rio Grande do Sul (mai./2025) e o “tarifaço” do governo dos Estados Unidos (em ago./2025, em grande parte revertido nos produtos agropecuários em nov./2025), que teriam potencial para aumentar a disponibilidade interna das carnes de frango e bovina, não tiveram impacto duradouro nos preços das carnes em geral como inicialmente previsto.

Para 2026 espera-se que o consumo se mantenha aquecido apesar dos juros altos e endividamento das famílias, tendo em vista a tendência de preços da carne bovina e fatores como a correção da tabela de isenção do imposto de renda, o ciclo eleitoral e eventos como a copa do mundo. Além disso, o reconhecimento oficial do Brasil como livre de febre aftosa sem vacinação (mai./2025) pela OMSA, as medidas antidumping da China sobre produtos da UE e o surgimento da Peste Suína Africana na Espanha devem abrir novas oportunidades no mercado internacional, seja para ampliar volumes, seja para agregar valor. Do lado dos custos, ainda é incerto como o fenômeno La Niña, a guerra

comercial entre Estados Unidos e China, o avanço do setor de energia (etanol e biodiesel) e o endividamento agrícola afetarão a disponibilidade interna e os preços do milho, da soja e seus derivados. Entretanto, as expectativas atuais apontam para custos controlados no próximo ano,

com maiores preços do milho na entressafra. Da mesma forma, caso ocorra instabilidade macroeconômica com reflexos no câmbio e nos juros, deve-se considerar mudanças mais profundas no cenário do próximo ano, seja no consumo interno (redução) e nas exportações (aumento), seja no custo de produção. Por fim, o cenário global continua instável em vários aspectos (conflitos na Ucrânia e no Oriente Médio, disputa comercial, dívida pública e crises migratórias), enquanto que a sanidade dos rebanhos e os efeitos da crise climática na oferta de grãos se mantêm como as principais fontes de incerteza na produção e comércio internacional de proteína animal. ■



ANÚNCIO